



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Filipe Rodrigues R. M. da Silva

Um estudo em Linguística *Folk*
- as ideias linguísticas de Fernando Pessoa na obra *A Língua Portuguesa* -

Brasília
2023

Filipe Rodrigues R. M. da Silva

Um estudo em Linguística *Folk*
- as ideias linguísticas de Fernando Pessoa na obra *A Língua Portuguesa* -

Artigo apresentado à disciplina Projeto de Curso como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Marcus Vinicius Lunguinho

Brasília
2023



Filipe Rodrigues R. M. da Silva. **Um estudo em Linguística Folk: as ideias linguísticas de Fernando Pessoa na obra *A Língua Portuguesa***. Brasília: Universidade de Brasília. 1º semestre de 2023.

Artigo submetido à disciplina Projeto de Curso como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho.

ARTIGO

Um estudo em Linguística *Folk*: as ideias linguísticas de Fernando Pessoa na obra *A Língua Portuguesa*

Filipe Rodrigues R. M. da Silva
Universidade de Brasília

RESUMO

Neste artigo, analisamos a obra *A Língua Portuguesa*, de Fernando Pessoa, sob a luz da Linguística *Folk*, buscando: a) descrever conceitos importantes desse recente ramo da Linguística; b) discutir como as ideias do poeta na referida obra encaixam-no como um linguista *folk*; c) apresentar a obra *A Língua Portuguesa*, elencando as ideias de Pessoa que convergem com concepções linguísticas e as que divergem dessas concepções; e d) apontar que também são válidos os conhecimentos linguísticos produzidos fora do âmbito acadêmico. Nossa hipótese de trabalho é que, em linha com a Linguística *Folk*, Pessoa foi capaz de falar sobre a língua portuguesa, mesmo não tendo passado por estudos formais em Linguística: à sua maneira, foi um linguista *folk*. Em relação ao primeiro aspecto tratado, focamos nossa atenção na classificação de tipos de linguistas, proposta por Marie-Anne Paveau (2018). No que se refere ao segundo aspecto, ainda com base em Paveau (2018), mostramos que Fernando Pessoa, apesar de não ter sido um linguista profissional, pode se encaixar em diversas categorias de linguista *folk*. Quanto ao terceiro aspecto, a partir da análise de passagens retiradas do livro *A Língua Portuguesa*, mostramos que Pessoa escreveu sobre língua e linguagem com base em seus conhecimentos autodidatas, o que faz com que suas ideias se caracterizem por pontos de proximidade e por pontos de distanciamento em relação aos conceitos da Linguística. Por fim, no tocante ao quarto aspecto, destacamos que a obra *A Língua Portuguesa* é válida como exemplo de Linguística *Folk*, ainda que nem todas as ideias apresentadas nessa obra sejam totalmente condizentes com os estudos linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa. Linguística *Folk*. Língua Portuguesa. Ideias e saberes linguísticos.

ABSTRACT

In this paper we analyze the work *A Língua Portuguesa*, by Fernando Pessoa, under the light of Folk Linguistics, seeking to: a) describe important concepts of this recent branch of Linguistics; b) discuss how the ideas of the Portuguese in the work under study characterize him as a folk linguist; c) present the aforementioned work, listing Pessoa's ideas that converge with linguistic concepts and those that diverge of these concepts; and d) point out that linguistic knowledge produced outside the academic context is valid. Our working hypothesis is that, in line with Folk Linguistics, Pessoa was able to speak about the Portuguese language, even though he had not undergone formal studies. Regarding the first aspect, we focus our attention on the classification of types of linguists, proposed by Marie-Anne Paveau (2018). Regarding the second aspect, still based on Paveau (2018), we show that Fernando Pessoa can fit into several categories of folk linguists and that he was not a professional linguist. As for the third aspect, based on the analysis of passages taken from the book *A Língua Portuguesa*, we show that Pessoa wrote about language based on his self-taught knowledge, which means that his ideas have similarities and distances from the concepts of Linguistics. Finally, in the fourth aspect, we highlight that the work analyzed is valid as an example of Folk Linguistics, even though not all the ideas shown are fully consistent with formal studies.

KEYWORDS: Fernando Pessoa. Folk linguistics. Portuguese language. Linguistic ideas and knowledge.

*Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.*

Fernando Pessoa - *Tabacaria*

Introdução

O objeto de estudo deste trabalho são as ideias linguísticas de Fernando Pessoa presentes no livro *A Língua Portuguesa*. Para tanto, analisamos essas ideias com base nos conceitos da Linguística *Folk* (cf. Paveau, 2018).

A Linguística *Folk* é um ramo da Linguística que se debruça sobre os conhecimentos produzidos fora do meio acadêmico, conhecimentos esses produzidos de forma mais natural, sem passar por todo o crivo do método científico da academia. Essa abordagem linguística considera e busca validar essas ideias, mostrando que elas podem e devem ser aproveitadas pelos cientistas da linguagem.

De acordo com a Linguística *Folk*, há diversos níveis de linguistas, que vão desde os profissionais e acadêmicos até o chamado homem comum. Esses níveis de linguistas perpassam escritores, poetas, jornalistas, filólogos, redatores, tradutores, pessoas que trabalham com a língua falada...Todas essas pessoas têm a língua como seu objeto de estudo e servem-se dela em suas profissões.

Nosso objetivo, ao combinar as ideias de um poeta à essa área recente da Linguística é ilustrar como esse tipo de produção linguística surge fora das universidades e, no caso em questão, antes mesmo dos conceitos da Linguística moderna terem sido firmados.

Observando momentos da biografia de Fernando Pessoa, poderemos ver como se deu seu processo de aquisição de conhecimento, entenderemos a sua relação com a língua portuguesa, a qual foi um objeto de reflexão, além de ser uma ferramenta para a sua poesia e prosa.

Para tanto, o artigo está dividido em 4 partes. Na primeira, fazemos um breve histórico da Linguística *Folk* – que é apenas um dos ramos das ciências *folk*. Apresentamos os principais conceitos dessa área linguística, tomando como base principal o trabalho de Paveau (2018). Na segunda parte, trazemos passagens relevantes da vida de Fernando Pessoa, relacionadas à sua formação e à sua relação com a língua portuguesa, a fim de demonstrar que ele pode ser considerado um linguista *folk*. Dentro dessa mesma seção, mostramos a visão geral do livro em análise: como ele foi concebido, como está organizado e qual o contexto a ser considerado para que se possa compreender as ideias nele presentes. Na terceira seção do trabalho, destacamos excertos presentes na obra *A Língua Portuguesa*, mostrando que, justamente por não ser um profissional da Linguística, algumas ideias do poeta convergem com conceitos da Linguística moderna e outras divergem desses conceitos. Para validar convergências e comprovar divergências, citamos passagens de linguistas consagrados pelo meio acadêmico. Na quarta seção, mostramos que a variedade de ideias que tem, as profissões que exerceu e os diferentes gêneros de escrita que experimentou tornam Fernando Pessoa um linguista *folk*, já no início do século XX. Finalmente, seguem-se as considerações finais, nas quais ressaltamos as contribuições deste trabalho e possibilidades de trabalhos futuros relacionados ao tema.

1. Sobre a Linguística *Folk*

O termo *folk* vem da língua inglesa e significa “povo”, “gente”. Essa expressão é utilizada em vários ramos do estudo humano para designar conhecimentos que surgem a partir de pessoas não especialistas em determinada área, ou seja, conhecimentos populares, que não necessariamente passaram pelo crivo daquilo que se denomina ciência ou pelo crivo de um método científico. Sendo assim, pode-se falar em *Biologia Folk*, *Psicologia Folk*, *Epistemologia Folk* e, no que interessa ao nosso artigo, falaremos da *Linguística Folk*.

Os estudos *folk* surgem na Inglaterra e na Alemanha, datando da década de 1960 os primeiros artigos sobre a *Linguística Folk* (ou *Linguística Popular*, na versão em português), os quais não alcançaram muita repercussão à época (PAVEAU, 2020, p. 16).

Nos anos 2000, aparecem novos trabalhos nessa área, como o de Niedzielski e Preston (2000). Nestes estudos, os autores mostram a preocupação existente em relação ao termo *popular*, especificamente que esse termo não seja tomado de maneira pejorativa por alguns leitores. Assim, eles apresentam a seguinte definição de *folk* no campo da Linguística:

[A palavra *folk*] refere-se àqueles que não são profissionais qualificados na referida área [...]. Definitivamente não usamos *folk* para nos referirmos a rústicos, ignorantes, atrasados, primitivos, minoritários, isolados, marginalizados ou grupos e indivíduos de status supostamente inferiores.

NIEDZIELSKI & PRESTON (2000, p. 8 – *apud* PAVEAU, 2020, p. 16)¹

Marie-Anne Paveau (2020) traz ainda uma importante classificação das práticas linguísticas populares que nos ajuda a entender o delineamento do objeto de estudo desse ramo:

[...] com base no nosso entendimento, diremos que a linguística popular reúne quatro tipos de práticas linguísticas: descritiva (descrevemos a atividade da linguagem), normativa (prescrevemos comportamentos da linguagem), intervencionista (intervimos nos usos da linguagem) e militante (questionamos certos usos da linguagem por entendermos não serem virtuosos: preconceituosos, machistas, entre outros).

PAVEAU (2020, p. 20)

Outra preocupação da *Linguística Folk* é estabelecer quais são os seus contornos e quais são as diferenças em relação à *Linguística acadêmica*, mas sem a intenção de estabelecer uma relação binária de total oposição, sem fazer com que se crie um cenário de *Linguística folk versus Linguística acadêmica*. Baronas (2020, p. 22) cita Paveau para explicar esse contexto:

Tomando uma vez mais a revista *Pratiques*, M.-A. Paveau oferece algumas respostas hipotéticas a essas questões em seu texto *Les non-linguistes font-ils de la linguistique? Une approche anti-éliminativiste des théories folk*. No texto em questão, a autora defende uma abordagem integracionista, isto é, que integre dados considerados *folk* para a linguística acadêmica, sem que uma fronteira, em termos de contrariedade (“versus”), seja colocada entre os dois tipos de fenômenos. É a questão da intuição que sustenta essa posição antieliminatória, na medida em que a linguística acadêmica não pode

¹ O texto dos autores citado por Paveau é o seguinte:

NIEDZIELSKI, N. A.; PRESTON, D. R. **Folk Linguistics**. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

economizar em intuição e introspecção, por causa de sua dimensão reflexiva irreduzível.

Essa abordagem integracionista defende que os saberes populares, sejam eles sobre a linguagem ou sobre quaisquer outros ramos, nem sempre devem ser expurgados do campo científico, como se não tivessem qualquer uso. Pelo contrário, tais saberes devem ser integrados e utilizados pela ciência, a fim de perceber o ponto de vista daqueles que não estão imersos na academia.

Outro ponto dentro da Linguística *Folk* consiste em estabelecer quem seriam os atores responsáveis por esses saberes populares:

A questão da identidade ou da identificação dos não-linguistas é, sem dúvida, uma das mais difíceis no domínio da linguística folk. Se a identificação profissional dos linguistas é feita de modo relativamente fácil pela existência de cursos, diplomas, especialidades universitárias [...] e de uma literatura disciplinar relativamente bem circunscrita e balizada por dicionários, a identificação profissional dos não-linguistas que lidam com atividades linguísticas não se baseia em nenhum critério mais institucional. O escritor é um linguista folk? E o revisor de textos das mídias escritas e das editoras?

PAVEAU (2020, p. 28)

Para evitar uma classificação dual que separa, de um lado, linguistas e, do outro, não-linguistas, Paveau sugere uma classificação em escala, com diferentes níveis de acordo com o conhecimento formal que a pessoa possui da Linguística, indo desde o diplomado linguista até o “homem comum”, que também faz considerações sobre sua língua e pratica a linguística, mesmo que de forma inconsciente.

A partir do artigo de Paveau (2018), Bornemann e Cox (2019, p. 4273) desenvolveram o Quadro abaixo, que traz a escala proposta e os exemplos dados pela francesa em seu artigo original:

Quadro 1: Da linguística científica à linguística *folk*

Linguistas profissionais	Fornecem descrições linguísticas.
Cientistas não linguistas	Propõem descrições linguísticas, a exemplo do que faz Pierre Bourdieu, em <i>A distinção: crítica social do julgamento</i> .
Linguistas amadores	Fornecem prescrições e descrições linguísticas, a exemplo do que faz o jurista Gérard Cornu em seu <i>Manual de Linguística Jurídica</i> .
Logófilos, glossomaniacos e outros “loucos da língua”	Empreendem intervenções na língua, quer por invenção, quer por deformação, a exemplo de Jean-Pierre Brisset ou George Orwell.
Preparadores, revisores e redatores	Sugerem descrições e prescrições (incluindo correções)
Escritores, ensaístas	Ensaíam práticas linguísticas descritivas e interventivas, a exemplo de Artaud que, dotado de um saber linguístico, epilinguístico e plurilinguístico, se esforça para elaborar outra língua, cujas características são, essencialmente, a mistura e a transgressão ao sistema.
Ludolinguistas	Fazem descrições-interpretações linguísticas, a exemplo de humoristas, imitadores, autores de histórias bobas, autores de jogos sobre as palavras.
Falantes engajados	Realizam práticas linguísticas descritivas e interventivas, a exemplo do “ateliê de análise e de crítica do discurso político” intitulado, antifrasticamente, “O mundo reencantado de Nicolas Sarkozy”, proposto em 2007, em Paris, no 19º Distrito, pela

	Coordenação dos Trabalhadores Temporários e Precários da Île-de-France, com o intuito de desenvolver meios eficazes de combater os efeitos do discurso político autorizado sobre os eleitores.
Falantes comuns	Realizam práticas linguísticas descritivas, prescritivas e interventivas, podendo ser encontrados entre quaisquer categorias profissionais que não tenham por hábito refletir sobre a língua, a exemplo de vendedores de loja, autores desconhecidos das colunas de leitores de jornais e revistas e usuários de blogs e fóruns, etc.

Fonte: Bornemann & Cox (2019, p. 4273), elaborado com base em Paveau (2018)

Mesmo tendo sugerido uma classificação estratificada, Paveau deixa claro que essas categorias são “porosas”, podendo um mesmo indivíduo transitar dentre elas de baixo para cima e vice-versa, a depender do contexto, da produção que realiza e da forma como se expressa. Esse ator pode levar conhecimentos linguísticos formais para o campo *folk* e na via contrária também.

Nosso objetivo neste trabalho é, partindo desse arcabouço teórico resumido, mostrar como o poeta Fernando Pessoa pode ser caracterizado também como um linguista *folk* em diversos níveis.

2. Fernando Pessoa: sua vida e sua obra *A Língua Portuguesa*

Nesta seção, apresentamos 2 subseções. Na primeira onde temos passagens relevantes da vida de Fernando Pessoa relacionadas à sua formação e à sua relação com a língua portuguesa como importantes para fundamentarmos a nossa hipótese de que, além de poeta, Fernando Pessoa também pode ser considerado um linguista *folk*. Na segunda, damos a visão geral do livro *A Língua Portuguesa*, mostrando como foi elaborado, qual seu embasamento, como está dividido e qual o contexto da obra.

2.1 Breve história do poeta

Aos 13 de junho de 1888, nascia Fernando António Nogueira Pessoa, na cidade de Lisboa, capital portuguesa. Em julho de 1893, ocorre o falecimento de seu pai. Sua mãe volta a se casar e, por ocasião do emprego do então padrasto de Pessoa, a família se muda para a África do Sul em janeiro de 1896, quando ele ainda tinha 7 anos de idade.

No novo país, Pessoa, que já falava muito bem a língua portuguesa, aprenderia também a língua inglesa e a língua francesa. Desde muito cedo e por toda sua vida, ele foi um autodidata, leitor ferrenho, estudou muito além daquilo que a escola da época o obrigava. Com o domínio de 3 idiomas, teve acesso a filósofos e cientistas de diversos países.

No entanto, como ficará claro pela sua biografia, Fernando Pessoa não teve interesse de conhecer a fundo outros lugares, como bem descreve o biógrafo francês Brechon Robert:

[...] a vida de Pessoa não se parece a nenhuma outra. Não houve escritor mais sedentário que ele. À exceção de sua infância na África do Sul e a peregrinação da família às Ilhas Açores em 1902, chama a atenção o seu enraizamento em sua terra natal. Desde sua volta definitiva para Lisboa em 1905, com 17 anos, até sua morte em 1935, jamais abandonou sua cidade ou seus arredores (Sintra, Cascais), salvo uma breve viagem pela província.

ROBERT (1996, p. 21)

Para reforçar ainda mais o quanto Pessoa foi ligado a Portugal – o que é uma característica

marcante e definidora da sua obra – Robert afirma:

[...] há apenas 500 metros entre seu lugar de nascimento na praça do teatro São Carlos e o seu leito de morte no hospital de São Luís dos Franceses, no bairro Alto.

ROBERT (1996, p. 23).

Quando retornou para Lisboa, Pessoa já havia concluído o ensino escolar e jamais viria a cursar uma faculdade, o que mostra que todo seu conhecimento sobre a língua, política, filosofia e outros assuntos, deu-se pelo seu autodidatismo.

Robert fala da dificuldade de escrever sobre a vida propriamente dita de Fernando Pessoa, ressaltando que os biógrafos anteriores – e ele também – mais falaram da obra que da pessoa:

Em vida, careceu de tudo: carreira, amores, relações sociais, obra. Conforme os critérios habituais, foi um fracassado. “Um inútil”, segundo a definição de um de seus parentes ao médico que o assistia em seu leito de morte.

ROBERT (1996, p. 25)

O trecho mostra que pouco foi conhecido de Pessoa enquanto ele estava vivo e parte desse anonimato deve-se aos esforços do próprio escritor que não gostava de ser reconhecido. Não à toa, cria o fenômeno da heteronímia e a maioria das suas publicações em vida são feitas sob os heterônimos. Obviamente, a heteronímia vai muito além da simples criação de heterônimos, mas não abordaremos este ponto por não ser o foco do trabalho.

Quanto à carreira, Fernando Pessoa contentou-se com trabalhos medianos, sem glamour, mesmo tendo outras oportunidades:

Em 1908, depois de recusar vários empregos bem remunerados, escolhe ser correspondente estrangeiro em uma oficina de importação e exportação no bairro da Baixa, ou seja, era encarregado da correspondência em inglês e francês. Exerceu essa profissão para diversas firmas até sua morte.

ROBERT (1996, p. 616)

Além dos trabalhos que exercia para se sustentar, Pessoa também desenvolveu alguns projetos de revistas, um tanto quanto frustrados, posto que não duraram muito tempo. Entretanto, um deles foi a revista *Orpheu*, criada em 1915, marco do Modernismo português, mesmo tendo contado com apenas 2 edições, sendo cancelada por causa do alvoroço e recepção negativa pela sociedade da época.

A maior parte das suas publicações em vida aconteceu na *Revista Presença*, fundada em Coimbra, no ano de 1927, a qual durou por mais anos e possibilitou que mais escritos viessem à tona, principalmente, poesias de seus heterônimos.

De toda forma, é sabido que grande parte da obra pessoana só foi conhecida e devidamente organizada e publicada após a sua morte, principalmente os escritos do ortônimo Fernando Pessoa.

Dentre essa vastidão, menos explorada é a obra não poética de Pessoa, que inclui textos em prosa, textos políticos, filosóficos, ensaios, cartas e textos linguísticos. Dentre os textos linguísticos de Pessoa, selecionamos os textos reunidos na obra *Língua Portuguesa* e fizemos considerações sobre ele à luz da Linguística *Folk*.

2.2. Visão geral de *A Língua Portuguesa*

O livro *A Língua Portuguesa*, faz parte dos achados pós-morte de Pessoa e é uma compilação de diversos textos que se encontram depositados na Biblioteca Nacional de Portugal, justamente na seção de Linguística. Os textos foram organizados pela pesquisadora da Luísa Medeiros, da Universidade Nova de Lisboa, que os publicou em 1999. A apresentação, feita por José Miguel Wisnik, deixa bem claro o teor linguístico do livro:

Fernando Pessoa viu na Língua Portuguesa um Império a desvendar e a fazer vingar [...] os textos apresentados neste livro dão matéria nova a esses conteúdos já conhecidos em outras partes de sua obra, mas sem a especificidade linguística que eles ganham aqui. São fragmentos do seu esforço de formulação de uma política da língua, e entram pela discussão da oralidade e da escrita, da ortografia, das línguas artificiais, do futuro das línguas existentes e do destino exponencial que o poeta consagra ao idioma português [...]

WISNIK (1999, orelha do livro *A Língua Portuguesa*)

Por este trecho da orelha do livro, podemos perceber que Pessoa passou por diversos temas debatidos pela Linguística moderna, como a artificialidade da escrita, além de ainda fazer o trabalho de um linguista comparativo/contrastivo, ao traçar paralelos entre português, espanhol, italiano, inglês e francês. Note-se, ainda, que o escritor abordou, como veremos adiante, questões sociolinguísticas, como o caráter democrático da fala.

O livro publicado por Luísa Medeiros foi dividido em duas partes: a primeira, chamada *O Problema Ortográfico*, é baseada em 62 páginas manuscritas e numeradas pelo poeta, onde ele percorre por diversos conceitos da linguagem; e a segunda parte, chamada *Defesa e Ilustração da Língua Portuguesa*, título de um dos vários projetos pensados pelo próprio Pessoa, é baseado em diversas páginas soltas, as quais têm em comum o debate sobre a ortografia da língua portuguesa. Todos esses escritos não foram datados por Pessoa, no entanto, alguns deles podem ter a sua data aproximada, levando-se em consideração fatos mencionados pelo poeta. O principal fato, retomado por diversas vezes (principalmente na parte 2), é a reforma ortográfica imposta pelo governo português em 1911, a qual mereceu muitas críticas por parte do escritor.

Durante a elaboração deste trabalho, considerando o leitor voraz que Pessoa foi, perguntamo-nos se ele teria tido contato com os ensinamentos de Ferdinand de Saussure, o pai da Linguística moderna, no *Curso de Linguística Geral*. Com o suporte da biografia escrita por Brechon Robert, podemos afirmar que Pessoa jamais saiu de Portugal após os 17 anos de idade. Além disso, em consulta ao índice onomástico da biografia, comprovamos que não há menção ao nome de Saussure, o que nos leva a assumir que Pessoa não teve contato com a obra inaugural da Linguística moderna publicada em 1916. A título de curiosidade, vale ressaltar ainda que ambos guardam uma semelhança: pouco publicaram em vida, vindo a ter maior divulgação após a morte, quando seus escritos guardados foram tornados públicos por seus seguidores.

Na seção que se segue, pinçamos passagens do livro de Pessoa que muito se assemelham a conceitos e ensinamentos da Linguística moderna. A proposta é comparar essas passagens com os pressupostos linguísticos que norteiam essa área de estudo. Perceberemos também propostas de mudanças que Fernando Pessoa imaginou para a língua portuguesa que vieram a se concretizar, além de críticas que ele teceu às tentativas de uniformização da língua portuguesa em Portugal e no Brasil. Assim, poderemos demonstrar como, além de um grande poeta, Fernando Pessoa foi, sem dúvida, um linguista *folk*.

3. As ideias linguísticas de Fernando Pessoa e Linguística *Folk*

Nesta seção, trataremos diretamente do livro *A Língua Portuguesa*, de Fernando Pessoa, mostrando trechos em que o poeta trata de questões que referentes à linguagem e analisando a abordagem que é feita por ele.

Dividimos a presente seção em duas subseções, a fim de mostrar alguns pontos em que as ideias expressas por Pessoa convergem com os conceitos da Linguística moderna e outros pontos em que o seu pensamento diverge desses conceitos.

Ao longo da análise, perceberemos que, dentro de um mesmo trecho, é possível encontrar ideias convergentes e divergentes, o que valida a percepção de que Pessoa é um linguista *folk* e não um profissional da Linguística. Isso acontece também devido ao caráter divagante da sua escrita, ou seja, o escritor colocava no papel todas as ideias que lhe vinham à mente, por diversas vezes, gerando questionamentos para si mesmo. Lembremos, ainda, que os textos em estudo não foram publicados por Pessoa. Eles foram encontrados em seu baú de ideias (após a sua morte), logo não passaram pelo processo extenso de preparação, edição e revisão em que o escritor poderia moldar as ideias antes que elas fossem a público.

3.1 As ideias linguísticas de Fernando Pessoa e os ensinamentos da Linguística: divergência

Iniciando pelas ideias de Pessoa que mais se afastam dos ensinamentos da ciência Linguística, trazemos o forte nacionalismo de Fernando Pessoa, o qual moldou muito da sua obra poética e também influenciou seus escritos sobre a linguagem.

Pessoa escreveu sobre a origem da ortografia do português, afirmando que, na gênese da ortografia do português, foram feitas escolhas que afastassem o português do espanhol:

Em Portugal, o etimologismo ortográfico foi, de início, o elemento de anti-tradição cultural, porque foi um acto de nacionalismo. A origem, porventura instintiva e inconsciente, de nossa ortografia, foi a necessidade de marcar de todos os modos, e portanto desse, a nossa separação de Espanha, a nossa íntima dessemelhança com ela. A Espanha fixara, em imitação da Itália ou por outro qualquer motivo, ou por ambos, uma ortografia rigorosamente sónica. Fixássemos a nossa no sistema contrário.

PESSOA (1999, p. 49)

No trecho mencionado, podemos ressaltar alguns pontos problemáticos: primeiro, o autor faz afirmações sobre a origem da ortografia portuguesa, sem apresentar fontes seguras ou embasamento histórico consistente para o que diz. Segundo, ele afirma, ao mesmo tempo, que a origem da ortografia do português foi instintiva e inconsciente e por necessidade de separação da Espanha, ora, é paradoxal dizer que algo foi inconsciente e ao mesmo tempo pensado.

A esse respeito, Raso (2013) afirma que a fala surgiu por volta de 100.000 anos atrás, enquanto a escrita é bem mais recente e surgiu para lidar com as necessidades humanas da época:

Ao contrário, a escrita surge apenas cerca de 5.500 anos atrás, em um contexto histórico completamente novo, em que as exigências próprias de um organismo social com características novas motiva a invenção de uma tecnologia que ajude a gerenciar uma complexidade social não experimentada antes (POWELL, 2009; FISHER, 2005; GOODY, 1986).

RASO (2013, p. 18)

Em outra passagem do livro, Fernando Pessoa afirma: “Assim formado, o sistema ortográfico português é, e é natural que seja, talvez o mais perfeito que se conhece” (Pessoa, 1999, p. 51), o que não encontra apoio nas teorias da linguagem, já que não é possível dizer se um sistema é melhor ou pior que outro, se é mais ou menos completo, não se tem como fazer juízo de valor, dado que os sistemas ortográficos surgem a partir das necessidades dos seus usuários para aquilo que desejam expressar.

Passemos agora a uma ideias de Pessoa sobre a fala.

Em alguns do trechos do livro, o autor refere-se aos modos de falar que diferem do que prevê gramática como errados ou inapropriados. Vejamos o exemplo a seguir:

Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal: diremos anedota, embora saibamos que deve dizer anécdota. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que usar: diremos hás-de tu compreender, embora saibamos que hás tu de compreender é a fórmula verdadeira.

PESSOA (1999, p. 19)

Fica claro que o escritor defende que haveria uma maneira “correta” de se falar e que essa suposta forma “correta” é baseada em regras, as quais viriam da escrita da língua. Com isso, ele propaga uma visão já ultrapassada hoje em dia, de acordo com a qual existiria uma língua culta e mais valorizada em oposição a outras línguas mais vulgares.

Além disso, a ideia de falas erradas é reflexo de uma visão preconceituosa e que não tem nada a ver com a visão não preconceituosa da Linguística. Segundo essa visão, uma língua sempre passa por mudanças, sendo a fala a principal catalisadora dessas alterações frequentes e naturais.

Agora, vejamos as concepções de Pessoa sobre fala e escrita.

Logo no início de seus escritos sobre a linguagem, Pessoa faz importantes e válidas diferenciações entre a fala e a escrita, as quais veremos adiante, entretanto, acaba incorrendo em reproduzir pontos de vista que carregam certo preconceito, ao afirmar que sociedades detentoras de sistemas escritos são mais avançadas e evoluídas que outras que não os possuem: “O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado” (Pessoa, 1999, p. 19). Esse pensamento inverte a relação entre fala e escrita e reflete também o “prestígio” que passou a ser dado para língua escrita, considerando essa como mais importante que a falada – ou mesmo anterior a ela. Além disso, o pensamento eurocêntrico em relação a necessidade da língua escrita é fruto de uma cultura de dominação que perdurou por muitos séculos, de acordo com o qual civilizações com costumes diferentes dos europeus não eram consideradas como civilizadas.

Para contrapor esse pensamento tão propagado, podemos nos servir do que disse Lopes (1980, p.33):

A fala possui maiores possibilidades de sobrevivência do que a escrita. Podemos sem grande esforço, imaginar um mundo futuro como vaticinou McLuhan, por exemplo, em que a modalidade escrita da linguagem seja substituída por alguma outra modalidade de expressão, mas seria muito difícil, para não dizer impossível, supor que algum outro sistema semiótico venha a ocupar, no futuro, o lugar da fala, tornando-a inútil e obsoleta. A fala é universal, independentemente do grau de desenvolvimento alcançado por um povo. A escrita não o é. Para Saussure (1972), a única razão de ser da escrita é o seu caráter de representante da fala.

O autor, por sua vez, apoia-se em outros nomes de referência da Linguística, como o próprio Saussure, para reforçar a importância e a força da língua falada. Assim, sociedades que vivem sem a escrita não são, de modo algum, atrasadas ou menos desenvolvidas, apenas não surgiu para eles a necessidade da grafia.

Outro flagrante engano de Fernando Pessoa surge no trecho: “A unidade da palavra falada é a sílaba pois são sílabas que ouvimos; a da palavra escrita é a letra, pois são letras que escrevemos.” (Pessoa, 1999, p. 58). Nota-se que, para o poeta, a unidade da palavra falada é a sílaba, pois são essas unidades as que ouvimos. Um questionamento que podemos fazer é: ouvimos mesmo sílabas quando consideramos a palavra falada? É essa mesmo a unidade da palavra falada? A esse respeito, é importante destacar o conceito de dupla articulação da linguagem, conforme apresentam Silva & Koch (2011, p.22):

A dupla articulação, na hipótese funcionalista de A. Martinet, consiste em uma organização específica da linguagem humana, segundo a qual todo enunciado se articula em dois planos. No primeiro plano, divide-se linearmente em unidades significativas: frases, vocábulos e morfemas. E no segundo plano, cada morfema se articula em unidades menores desprovidas de significado: os fonemas, de número limitado em cada língua.

Logo, há uma confusão na afirmação do autor, pois, dependendo do nível linguístico considerado, uma palavra pode ser constituída de morfemas ou de fonemas, os quais se realizam como morfemas e como fonemas, respectivamente. No caso dos fonemas, eles podem ainda se agrupar em unidades maiores, as sílabas.

Na subseção seguinte, veremos pontos abordados por Pessoa que se aproximam daquilo que propõe a ciência Linguística moderna.

3.1 As ideias linguísticas de Fernando Pessoa e os ensinamentos da Linguística: convergência

Começamos a discutir os pontos de convergência entre as ideias linguísticas de Fernando Pessoa e a Linguística, pelas suas considerações acerca de palavra falada e palavra escrita. A esse respeito, Pessoa afirma: “A palavra falada é um fenômeno natural; a palavra escrita é um fenômeno cultural.” (Pessoa, 1999, p. 19). Ele reforça essa ideia dizendo: “Pertencendo, pois a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra (falada e escrita) obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes”. (Pessoa, 1999, p. 19).

Essas afirmações encontram apoio nos escritos de Lyons (1987):

Um dos princípios fundamentais da linguística moderna é o de que a língua falada é mais básica do que a língua escrita. Isto não significa, entretanto, que a língua deve ser identificada com a fala. Deve-se estabelecer uma diferença entre os sinais linguísticos e o meio em que tais sinais se realizam.

LYONS (1987, p.8)

Após o trecho mencionado, Lyons elabora sobre a questão de ser a língua falada mais básica que a língua escrita, debate que não nos cabe ao momento, valendo apenas ressaltar que “básica” não deve ser tomado de modo pejorativo para se considerar a fala como algo inferior à escrita.

Ainda em relação a essa questão, Lyons dá especial atenção aos meios em que a língua se realiza, seja o meio oral ou o escrito, evidenciando que eles apresentam características próprias de realização da comunicação, e que a língua pode passar de um meio para o outro (do escrito ao

falado e vice-versa), mas deve-se atentar para as regras de cada meio. À essa passagem de fala para escrita ou escrita para fala, ele chama de transferência de meio.

Levando em conta esse conceito de transferência de meio, podemos ver que Fernando Pessoa também tratou dele, ao mencionar, por exemplo, que as cartas são representantes, na língua escrita, daquilo que alguém gostaria de falar a alguém que está longe e, na via contrária, os sermões e discursos são inicialmente escritos para depois serem falados (Pessoa, 1999, p. 21-22). Ambos, cada um a seu modo, mas com a mesma ideia intrínseca, mencionam que essa transferência de meio deve atentar para as regras de cada meio, com a finalidade de realizar a conversão da melhor maneira possível, para que a mensagem que se deseja transmitir não se perca e não mude o sentido.

Com isso, mostramos que a fala e a escrita se caracterizam por características próprias. Ainda que a palavra falada possa ser passada para a escrita e vice-versa, há de se notar que o uso de ambas não será o mesmo, nem seguirá as mesmas regras, ou seja, não se pode exigir que se fale como se escreve. Assim, voltamos à ideia inicial de Pessoa de que o discurso deve passar por adaptações a depender do meio em que está e para quem se dirige, para que possa ser compreendido, uma vez que a comunicação só tem sentido se for entendida por quem está recebendo uma determinada mensagem.

Um segundo ponto de convergência entre as ideias linguísticas de Pessoa e as análises da Linguística pode ser visto na passagem já mencionada: “Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos” (Pessoa, 1999, p. 19). Aqui, podemos ver que Pessoa já abordava o papel da linguagem como meio de comunicação e tratava da competência comunicativa dos falantes. Podemos ver o mesmo pensamento em Travaglia (2009, não paginado):

A competência comunicativa é a capacidade do usuário da língua de produzir e compreender textos adequados à produção de efeitos de sentido desejados em situações específicas e concretas de interação comunicativa. Portanto, é a capacidade de utilizar os enunciados da língua em situações concretas de comunicação.

De nada adianta falar de modo a não ser entendido, a exemplo de quem usa linguagem rebuscada em contextos sociais que não pedem essa variante. É ideia de “obedecer à lei do maior número”.

Dois outros pontos debatidos por Pessoa e que apresentam convergência com as ideias de Linguística têm relação com a duração da língua/palavra falada e da língua/palavra escrita, bem como as mudanças que ocorrem na língua como um todo. O poeta já entendia que a palavra falada é momentânea, passageira, enquanto a escrita perdura e atravessa anos e épocas. Além disso, o autor admite que, mesmo a língua/palavra escrita pode passar por mudanças e que pode não ser a mesma no futuro:

A palavra falada não é só majoritária e casual: é também momentânea. [...] A palavra escrita, e sobretudo a impressa, e mormente a do livro – em distinção da publicação periódica e as análogas -, essa, sim, destina-se ou se propõe vencer o tempo e o espaço, indo a outros lugares que o onde estamos, a tempos futuros ao que vivemos.

PESSOA (1999, p. 26-27)

Vemos a mesma ideia sobre a fala sendo expressa no texto de Silva & Koch (2011), ao citarem Saussure:

Para Saussure, a fala é a realização, por parte do indivíduo, das possibilidades que lhe são oferecidas pela língua. É, portanto, um ato individual e momentâneo em que interferem muitos fatores extralinguísticos e no qual se fazem sentir a vontade e a liberdade individuais.

SILVA & KOCH (2011, p.19)

Raso (2013, p.17) mostra ideias semelhantes às de Pessoa sobre a escrita ao dizer: “Uma primeira diferença entre as duas modalidades é entre o caráter natural da fala e o caráter tecnológico da escrita”. Assim fica claro que a escrita surgiu por necessidades da humanidade e foi desenvolvida de modo consciente, diferente da fala, da qual não sabemos a origem e que está presente há muito mais tempo no mundo do que a escrita.

4. Fernando Pessoa: um linguista *folk* no começo do século XX

Em seus estudos sobre a Linguística *Folk*, Marie-Anne Paveau (2018) buscou encerrar a dualidade entre linguistas e não-linguistas, propondo uma classificação gradual e “porosa”, reconhecendo que todo falante, como usuário da língua, tem o direito de fazer suas considerações sobre a fala, a escrita, a comunicação.

A autora reconhece que parte destas considerações podem se afastar de uma Linguística acadêmica, por apresentarem grande discrepância com aquilo que já está pesquisado, estudado e devidamente registrado. Por outro lado, parte das considerações que surgem em relação aos linguistas não profissionais merece atenção e deve ser estudada pelos acadêmicos, dado que a língua muda diariamente, fora dos corredores das universidades. Por conta disso, é sempre trabalho dos estudiosos ir até onde a mudança está ocorrendo.

Vejam agora como as passagens da vida de Fernando Pessoa e os trechos que destacamos de sua obra *A Língua Portuguesa*, contribuem para corroborar a nossa hipótese de enquadrá-lo como um linguista *folk*.

Importante já deixar claro de início que Fernando Pessoa não pode ser considerado um profissional da Linguística por não ter feito estudos formais nessa área, por não ter passado pela universidade, tampouco por não ter publicado, em vida, textos sobre temas relativos à linguagem. Apesar disso, ele se enquadra em diversas categorias daquelas propostas por Paveau:

- foi um cientista, por ter estudado, desde muito jovem, de maneira autodidata, história, questões filosóficas e conceitos das línguas portuguesa, latina, grega, inglesa e francesa;
- foi um logófilo, por ter sugerido intervenções na língua, algumas das quais vieram a se concretizar décadas depois (não pela sugestão direta dele, mas por mudanças na fala e por acordos ortográficos);
- foi redator de revistas, como o *Orpheu*;
- foi tradutor, profissão que exerceu a vida inteira, tendo sido sua principal fonte de sustento;
- foi um ludolinguista, por ter feito suas Quadras ao Gosto Popular, livro publicado somente após sua morte, em 1956, reunindo várias quadras de poemas, com rimas singelas e, em sua maioria, com temática amorosa;
- foi um falante engajado, por ter publicado textos de teor político que repercutiam na sociedade de seu tempo; e, claro,
- foi um notório escritor em prosa e verso.

Fernando Pessoa foi um apaixonado pela língua portuguesa. Com um nacionalismo poético, controverso em alguns momentos e saudoso de um período que o próprio poeta não viveu, Pessoa

via na língua portuguesa a ferramenta para que seu país se tornasse, novamente, um grande império. Poucos elevaram a língua portuguesa a patamares tão ousados.

Diante da sua relação íntima com a língua portuguesa, seja pela poesia, seja pelas profissões que exerceu ao longo da vida, e considerando que Fernando Pessoa jamais teve educação acadêmica de nível superior formal, mas foi autodidata desde muito jovem, fluente em 3 línguas diferentes, e tendo ele próprio feito considerações sobre a língua falada, a língua escrita, os usos da língua em diferentes contextos, sobre a ortografia e sobre a influência do estado na língua, podemos dizer, sem dúvidas, que Fernando Pessoa foi um linguista *folk* de seu tempo.

Considerações finais

Este trabalho apresentou as ideias linguísticas de Fernando Pessoa, sob a luz da Linguística *Folk*. Para tanto, inspirados no artigo de Bornemann & Cox (2019), que abordou as ideias de Mário de Andrade como linguista *folk*, decidimos fazer semelhante análise das ideias do poeta Fernando Pessoa, estabelecendo como objeto de estudo o seu livro *A Língua Portuguesa*, publicado após a sua morte. Esse livro traz as ideias do poeta sobre língua e linguagem, abordando tanto a fala quanto a escrita, de modo geral, e fazendo considerações sobre a língua portuguesa, seu uso e sua ortografia de modo particular.

Nossa hipótese foi de que Fernando Pessoa pode ser considerado um linguista *folk*, mesmo tendo vivido no início do século XX, antes da linguística moderna ter se estabelecido como ciência propriamente dita e muito antes do surgimento da recente vertente *folk*.

O primeiro aspecto que estudamos foram os conceitos da Linguística *Folk*, com base, majoritariamente, na obra de Paveau (2018), na qual a autora estabelece uma classificação de linguistas, porosa e diversa, que abarca desde os profissionais até os falantes mais comuns e com menos conhecimento formal da linguagem, mas que, ainda assim, são usuários desta diariamente.

Em seguida, abordamos a biografia de Pessoa, com a finalidade de conhecer a relação do poeta com a linguagem e com a língua portuguesa, buscando saber qual foi a educação que ele teve, como foi seu processo de aquisição de conhecimento, em qual contexto ele viveu e o que influenciou o seu pensamento sobre a língua.

Depois disso, tratamos do livro propriamente dito, extraíndo excertos onde o poeta discorre sobre a linguagem e comparando com escritos de linguistas profissionais, evidenciando passagens carregadas de distorções teóricas, erros e preconceitos, se considerarmos os ensinamentos da Linguística moderna. Apontamos outras que se aproximam de conceitos linguísticos formalmente estabelecidos décadas depois de seu falecimento.

Por fim, ficou claro que Pessoa não foi um linguista profissional, mas que se enquadra em diversas categorias daquelas propostas por Paveau: cientista, logófilo, profissional da língua ao ter trabalhado como redator e tradutor, ludolinguista, falante engajado nas questões sociopolíticas que permeiam o uso da língua e, claro, como grande escritor em prosa e em verso.

Como caminhos para pesquisa futura sobre o tema, é possível buscar em outras obras do poeta por comentários que ele tenha feito sobre a linguagem, ainda que em obras de poesia ou de prosa fictícia. Utilizando o livro *A Língua Portuguesa*, é possível pesquisar sobre as mudanças ortográficas do português, a percepção da sociedade de tais mudanças e estudar sobre acordos ortográficos realizado por Portugal, Brasil e demais países lusófonos.

Referências bibliográficas

- BARONAS, R. L. Apresentação. In: PAVEAU, M-A. **Linguística Folk: uma introdução**. Araraquara: Letraria, 2020.
- BORNEMANN; N. B. O.; COX, M. I. P. Mário de Andrade: um (sócio)linguista folk. **Fórum Linguístico**, vol. 16, n. 4, p. 4271-4284, 2019.
- BRÉCHON, R. **Estranho Estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa**. 2ª ed. Trad. de M. Abreu e P. Tamen. Rio de Janeiro: Record, 1999 [1996 ed. francesa].
- LOPES, E. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- LYONS. J. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Trad. de M. Averborg e C. S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- PAVEAU, M.-A. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. **Revista Policromias**, vol. 3, n. 2, p. 21-45, 2018.
- PAVEAU, M.-A. **Linguística Folk: uma introdução**. Organizado por R. L. Baronas, T. C. B. Conti e J. L. Costa. Araraquara: Letraria, 2020.
- PESSOA, F. **A Língua Portuguesa**. Companhia das letras, 1999.
- RASO, T. Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas. **Domínios de Lingu@gem**, vol. 7, n. 2, p. 12-46, 2013.
- SILVA, M. C. P. de S.; KOCH, I.V. **Linguística Aplicada ao Português: morfologia**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- TRAVAGLIA, L. C. Competência comunicativa. **Glossário Ceale**. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/competencia-comunicativa>. Acesso em: 16 set. 2023.